

**Anima: Imagens do Desejo e da Interdição
(na poesia de Alphonsus de Guimaraens)**

C. G. Jung, em *Segredo da Flor de Ouro*, afirma que “a imagem da anima é (...) projetada numa mulher”, inclusive, “a arte poética freqüentemente descreveu e cantou a anima” (1971, p.55). Diversos são os exemplos literários, tais como “Hypnerotomachia”, de Francesco Colonna, “Ela”, de Rider Haggard, o “Eterno Feminino” do *Fausto*, de Goethe. Nesse culto à mulher, a alma do homem fortifica-se como fator psicológico, isto porque o culto à mulher exprime o culto à alma. Dante, “o cavaleiro espiritual de sua dama” (assim denominado por Jung), expressou com esmero e beleza esse culto à Beatriz. Entretanto, a obra poética de Alphonsus de Guimaraens não é uma exceção, nela o elemento feminino se presentifica, nela a anima é uma devoção à “Beatae Mariae Virginis” ou uma aversão à Prosérpina. Portanto, o eixo platonizante cruza a obra executando a cisão de Eros em virtude e pecado. De um lado, metáforas do ardor sensual e pecaminoso, traduzidas em um misto de luxúria e desprezo pelas mulheres infernais. Do outro lado, imagens para adoração e interdição do desejo através das virgens pálidas e da Virgem Maria.

Para definir a anima, Jung se referiu ao aspecto contrassexual da psique do homem, porque “nenhum homem é tão inteiramente masculino que não tenha nada de feminino em si” (CW 7, § 297). Nota-se que o traço erótico pesa sobre a anima que, segundo Jung, “é de índole erótica e emocional” (CW 17, § 338). James Hillman afirma que “conteúdo e sentimentos eróticos ficaram vinculados ao arquétipo da anima” (1985, p.31). Para ele, a origem do enleio de anima com Eros está na perspectiva do arquétipo de Afrodite que porfia em que se perceba os fenômenos pelos olhos de seu filho Eros, cuja visão da feminilidade e da alma é de natureza “venérea e venusiana”. Se Eros permanece no lado feminino da

“coniunctio” (ao lado de Afrodite), o erotismo recebe estímulos e dá ao Eros uma conotação fortemente sexualizada.

Apesar de Jung ter-se utilizado, ao empregar a expressão Eros socrático-platônico (decisivamente masculino), Afrodite exerce influência sobre a idéia que se tem da alma, aliás, Afrodite/Vênus tem matizado a visão dos acontecimentos psíquicos, como diz Hillman: “Os ‘fatos’ eróticos nos quais construímos nossas idéias são criações dela. (...) Assim, enxergamos a alma plena de desejos sexuais quando nossas premissas e observações são afroditicas” (1985, p.45). Hillman acredita que Afrodite, paradigma do exercício erótico, pode ter dado a probabilidade para a transferência (o reino da alma = ao de Afrodite = ao de Helena) e pode, inclusive, ter sido o limiar ao proibido. Na perspectiva da alma, Afrodite não é uma e nem se encontra em primeiro lugar.

No soneto alphonisino, o poeta-escultor recria uma atmosfera clássica, faz de seu “soneto de neve” um pedestal por onde emerge uma “divina brancura”, uma imagem feminina vai se moldando, através de um poeta que cinzela o seu desejo, até assumir a forma venusiana de uma estátua de corpo nêvo, desnudo e frio, embora cercada de astros e irradiações de desejos:

*“É um pedestal de neve e soneto que faço.
De astros por ele passa a divina brancura,
E sílabas ideais, que alvejam pelo espaço
Da minha Alma, por ele o meu cinzel moldura.*

*Move-se , em cada linha o alvor casto de um braço
Como uma serpe feita em seda argêntea e pura;
E cada verso tem a nitidez do aço
De uma espada que o Sol irradiante fulgura.
De meu imenso Amor a áurea luz movediça
Enluara-o todo em um beijo claro de gozo,
Como o sol aclarando as geleiras da Suíça.*

*Em cima, onde mais alto o humano se eleve,
Pousa nu de alto a baixo o teu corpo formoso,
Cercando assim de branco o soneto de neve.
(Outras poesias; "Soneto de Neve", p. 532-3)*

Embora essa mulher-estátua seja uma forma alusiva de Vênus/Afroditte, no imaginário do soneto inclui-se a Virgem Maria com seus predicados de sublimação e castidade. O pedestal em que a mulher foi colocada enfatiza a valorização da figura feminina que se apresenta em um plano de superioridade. Lá, "onde mais alto o humano olhar se eleve", Alphonsus eleva a mulher, de tal maneira que se pode pensar numa transfiguração de culto da Virgem. A mulher-estátua condensa duas vertentes (pagã e cristã) através dos dois estágios da alma (Vênus e Maria) num mesmo intrincado plástico, onde o poeta reúne conflituosamente os impulsos de desejos e interdições. Na concepção freudiana, essas imagens são exemplos dos processos de condensação e deslocamento, onde o signo mulher é compreendido numa dicotomia, como é colocado por Affonso Romano de Sant'Anna:

o signo mulher é concebido, aqui, numa dualidade. No nível consciente dos significados, está a intenção e a vontade de que a imagem seja uma coisa, mas ao nível dos significantes inconscientes está um desejo oculto, recalcado e recalcante da libido amorosa. Visualizando essa dualidade, teríamos:

Significado/Maria

Signo/Mulher -

Significante/Vênus

Nessa fórmula, estariam os dois elementos: o ideológico afirmado pela ideologia católica vigente, e a pulsão de desejo erótico humanizando o ideal. (1993, p.71)

Romano de Sant' Anna havia explicado a recuperação mítico-religiosa da Virgem Maria no século XIX, período em que o marianismo se instalou, porém, mesclado de cenas e imagens pagãs de Afrodite e Vênus, fazendo a ideologia católica optar pela condensação dos valores pagãos e cristãos. É sintomático que seja Jung quem tenha dito: “para o homem da antigüidade, a alma aparecia como uma deusa ou bruxa, enquanto que para o homem medieval as deusas foram substituídas pela Rainha dos Céus e pela Igreja Mãe” (CW 9, i, § 61). No imaginário alphonsoino, fundem-se imagens pagã e cristã, numa condensação de Vênus e da Virgem Maria:

*E quem a vê, ou sonha uma estátua romana,
Marmoreamente branca, imaculada e fria,
Ou tem por entre o nimbo estrelado do sonho
A áurea Revelação de outra Virgem Maria.
(Dona Mística; “Soneto IV”, p. 98)*

Embora prevaleça nos seus textos a influência do catolicismo, o poeta Alphonsus rende culto à deusa:

*O Poeta deve ter dentro da alma estelada
Uma deusa que o embale e acarinhe e adormeça:
É a ilusão que lhe vem aureolar a cabeça,
(Escada de Jacó; “Soneto XXII”, p. 316)*

*Nunca vi tanta luz na terra e no infinito:
Ela surgiu, a vez primeira, a trança flava
Às lufadas ondeando, o olhar imenso fito
No iluminado céu que ante ela se curvava.
Tudo em redor pasmou, gigantes de granito,
Montes negros tocando o céu, aos pés a escrava*

*Turba de astros, e no ar a asa pagã do mito
Que sagrando-a por sobre o seu rosto pairava.
O próprio Jeová abriu o olhar sublime,
E o revoltó Satã, de joelhos como um santo,
Viu-a do antro infernal da maldade e do crime.*

*E a Deusa nem sentiu o pasmo do universo...
Só eu (força do eterno amor que pode tanto!)
Recebi-lhe do olhar toda a alma do meu verso!
(Salmos da Noite; "A Minnha Deusa", p. 553-4)*

Nota-se que o poeta, sofrendo influências medievais, condensa ou substitui a deusa pela Virgem Maria:

*Em teu louvor, Senhora, estes meus versos,
E a minha Alma aos teus pés para cantar-te.
(Setenário das Dores de Nossa Senhora, p. 143)*

*Vós, Rainha do Céu, doce Maria,
Sobre mim abaixai os olhos santos,
(Pulvis, p. 356)*

Segundo Romano de Sant'Anna, o conflito entre Vênus e Maria é apresentado em movimentos opostos, ou seja:

aos impulsos do desejo do poeta, procurando um aquecimento, um movimento e uma proximidade em relação ao corpo da mulher, sobrevém sempre a situação de esfriamento, imobilidade e distanciamento. (...) A passagem do aquecimento do desejo ao esfriamento, ou a conversão da figura da amada e um ser imóvel,

e o constante distanciamento imposto aos amantes vão ser a marca do recalque e da interdição do desejo. Desejo que se oferece e se nega, que se excita e se constrange, mostrando a pulsação erótica do amante entre Vênus e Maria. (1993, p. 73-4)

Esse efeito de aquecimento e esfriamento aparece quando o desejo do poeta pulsa a idéia do beijo:

*Ó lábios que sereis de lodo e poeira,
Que inatingível desejo vos abate?
(...)
Lábios que fostes flamas de escarlata.
Se frios como neve estais agora,
Com saudades de beijos que não destes,
(Kiriale; "Soneto IV", p. 80)*

*(...) a idéia do seu beijo
É quente, e faz-me tiritar de frio...
(Dona Mística; "Soneto III", p. 90)*

Faz-se necessário retomar o "Soneto de Neve" para estabelecer os mecanismos de esfriamento, imobilidade e distanciamento explicados por Romano de Sant'Anna. O esfriamento se presentifica logo pelo título do poema, indo à figura feminina que está envolta em metáforas frias e níveas, como: pedestal de neve, divina brancura, alvor casto, seda argêntea, geleiras e um corpo nu e branco. Com esses adereços, o poeta equilibra o ardor, porque como explica Romano de Sant'Anna, "o quente da paixão e o frio da indiferença se acoplam" (1993, p.74).

Num jogo de tensões entre a imobilidade e o movimento, o poeta molda, na estaticidade da estátua, a mulher num pedestal de neve, apenas para ser

contemplada, “onde mais alto o humano olhar se eleve”, confirmando o distanciamento e o conflito entre a pulsão e o recalque.

O recalque manteria a pulsão e seus representantes na esfera inconsciente, mas se ele fracassasse ocorreria o que Freud chamou de retorno do recalado, o que se daria através dos sintomas. Constituiria uma formação de compromisso entre duas forças, a do desejo e a da censura que motivou o recalque. Os sintomas seriam, pois, substitutos de desejos, que, por obra de um mecanismo especial, o recalque, foram impedidos de se satisfazer. (Souza Leite, Márcio P. de; 1991, p. 126)

Esse conflito entre a pulsão e o recalque é ilustrado pelos fragmentos abaixo:

*Só, perseguido de sombras mortas,
De espectros negros que são tão altos...
Ouvindo múmias forçar as portas,
E esqueletos que me dão assaltos...*

*Só, na geena deste meu quarto
Cheio de rezas e de luxúria...
Alguém que geme, dores de parto,
- Satã que faz nascer uma fúria...*

*E ela que vem sobre mim, de braços
Escancarados, a agitar as tetas...
E nuvens de anjos pelos espaços,
Anjos estranhos com as asas pretas...
E o inferno em tudo, por tudo o abismo
Em que se me vai toda a coragem...*

*“Santa Maria, dá-me o exorcismo
Do teu sorriso, da tua imagem!”
E os pesadelos fogem agora...
Talvez me escute quem se levanta:
É a lua... e a lua é Nossa-Senhora,
São dela aquelas cores de Santa!
 (“Caput I/Pulvis, p. 53)*

Dentro do conceito de recalque se introduz a questão dos motivos pelos quais seris recalcada ou não uma definida representação. Assim, surge a metáfora do demônio como questionamento do desejo ou como uma representação de conteúdos psíquicos inaceitáveis.

Demoníaco seria então o que um sujeito não pode aceitar em si mesmo, devido ao recalque. Isso introduziu a necessidade de se pensar uma origem para a cisão entre o que é possível de ser aceito pelo sujeito e o que não é. (Souza Leite, Márcio P., 1991, p. 127)

Neste poema alphonso, entre rezas e luxúria de um quarto conflituoso e farto de seres imaginários e aterrorizadores (manifestações do inconsciente), o poeta, como Orestes, é perseguido por uma imagem de alma maléfica, uma luxuriante Fúria que surge, como cria de Satã, como objeto de desejo malévolos, pervertido e pecaminoso.

A alma... é a ‘energia do pesado e do turvo’; ela se apega ao coração corporal, de carne. Seus efeitos são ‘desejos sensuais e impulsos de raiva’ - ‘Aquele que é sombrio e cheio de humores ao acordar ... está acorrentado à alma. (Jung, CW 13, §57)

Enquanto o poeta se sente acorrentado pelos desejos sensuais e os impulsos da Fúria satânica, ele clama pela mulher pura, a Virgem Maria que chega, exorcizando a filha de Satã, numa operação de interdição do desejo. O poeta quer, como afirma em sua poesia, “Viver longe da carne ardente, da luxúria / Que para nos tentar em cada peito eleva, / Como frutos de luz, duas tetas de fúria!” (“Ascetas”, p. 72). Porém, os pesadelos voltam e a imagem de alma surge como um súcubo que satânica e sensualmente se enrosca pelo corpo do poeta:

*Pelo meu corpo todo uma Fúria de chama
Enrosca-se, prendendo-o em satânicos elos:
- Vai-te, Demônio encantador, Demônio ou Dama,
Loira Fidalga infiel dos infernais Castelos!
(Kiriale; “Succubus”, p. 67-8)*

Trata-se da mulher-serpente associada à imagem de Lilith, demônio feminino sedutor que se contrapõe à masculinidade e bondade de Deus. Neste soneto, existe uma analogia entre Lilith e as “membranas do mal”; ela surge como uma Fúria em chamas, porém, seduzido, o poeta a denomina de “Demônio encantador”, mas, por ser imagem do desejo pecaminoso, é rejeitada: “-Quem quer que sejas, vai-te, é tu que assim me assombra!”

A respeito de Lilith, Barbara Koltuv faz a seguinte citação do Zohar:

Lilith perambula à noite, molestando os filhos dos homens e fazendo com que se corrompam. Sempre que encontra alguém dormindo sozinho numa casa, paira sobre ele, agarra-o e une-se a ele, despertando-lhe desejo, (...). (1986, p.63)

Barbara Koltuv afirma que, “considerada a alma de todo ser vivo que rasteja”(p. 13-4), “Lilith é um aspecto instintivo e terreno do feminino, a personificação vivificante dos desejos sexuais de Adão” (p. 25). E, mais

adiante, Koltuv assevera que “Lilith, o demônio alado da noite, não é apenas sedutor, mas também mortal, visto que, no Zohar, é identificado tanto como súcubo como com um vampiro” (p. 69). No poema “Succubus”, Lilith é a alma do poeta que esperneia como um réptil, embora, cheio de compunção, acorda interditando o desejo sujo e sulfúrico.

Lilith se tornou conhecida pelos nomes de Mulher Devassa, Fêmea Impura, bruxa Lamashtu (assassina de infantes), feiticeira, e, mais uma vez, ela aparece nos sonetos alphonsinos:

*Por que dentro de mim tal ânsia? Tanto alarme?
Foi minha ama de leite alguma feiticeira
Que maldizia a Deus antes de amamentar-me?
(Escada de Jacó; “Soneto de um Precito”, p. 300)*

*E a cada hora, a minh'alma, estranha bruxa, aborta
Ora uma fúria infiel, ora um anjo funéreo...
(Escada de Jacó; “Soneto XVIII”, p. 301)*

Perceba-se que, no âmbito da poesia alphonsina, existe a dualidade entre a mulher-demônio (como o desejo repudiado) e a exaltação à mulher-anjo, imagem funérea do desejo interdito. A dualidade em que se encontra o poeta é refletida nas imagens de alma que, de alguma maneira, espelham a dicotomia entre Deus e o Diabo, o Bem e o Mal, o pecado (desejo) e a virtude (interdição):

*Perdido como estou nesta grande charneca,
Cheio de sede, cheio de fome,
Disse-me Deus: “Sê bom!” E o Diabo diz-me: “Peca!”
E anjos e demônios repetem o meu nome.
(Kiriale; “Ocaso”, p. 60)*

Essa bipolaridade é vista por Jung a respeito da anima que “pode, portanto, aparecer positiva num momento e negativa em outro; ora jovem, ora velha; ora mãe, ora virgem; ora um fada boa, ora uma bruxa; ora uma santa, ora uma prostituta (CW 9, § 356). A imagem feminina surge, na exposição do imaginário alphonso, bipolar: a anima malévolá projetada na figura de Lilith (o demônio feminino do desejo) e a anima benévola na figura da Virgem Maria e das demais virgens pálidas e funéreas (imagens do desejo interdito). Enquanto mulher-serpente e sedutora, surge como Lilith:

*Na alma canta-me o vício e canta-me a blasfêmea,
Se ouço a tua canção, é lânguida espanhola...
Parece cascatear - quando o teu riso geme-a,
O rio de prazer que em tua carne rola.*

(...)

*Pois tal veneno tem que me deixar a alma cheia
De riso, o meu olhar arrasado de pranto.*

*Tua voz é uma serpe avermelhada e suave,
Que no peito se enrosca e nas almas coleia.
(Salmos da Noite; “Encanto Infernal”, p. 546)*

*O meu beijo eternamente,
Sentirás pela epiderme
Como o rastejo de um verme
Na escama de uma serpente.
(Salmos da Noite; “Tudo que é meu...”, p. 553)*

*Proserpina do mal, dá-me o veneno, dá-me
A delícia que escorre em teu seio de neve...
(...)*

*Eu sonho que o teu leito é a barca de Caronte,
Que desce pelo mar brumoso das orgias;*

(...)

*Abre o seio infernal, abre o olhar negro e terno,
Onde geme o calor, onde soluça o frio.*

Tu que és filha do inferno,

(...)

*Filha ideal de Satã, que o meu olhar absorto
Pouse nos olhos teus, (...)*

*Beijo talhado em carne, abismo esternamente
Sombrio e mau, por onde espio e me debruço,
Abre o seio dormente,
Chora o teu pranto falso, e que em cada soluço
Do teu peito, eu escute a voz de uma serpente.
(Salmos da Noite, p. 548)*

A imagem da Serpente Tortuosa aparece aqui vivenciando a natureza sedutora de Lilith que é imaginada como “filha do inferno”. Em sonho, ela surge vivificando os desejos sexuais do poeta que busca a imagem nutritiva do seio de neve, por onde escorre o delicioso veneno da perversão. Segundo Gaston Bachelard:

*O leite é (...) o primeiro substantivo bucal.
Observemos (...) que nenhum dos valores que se ligam à boca é
recalcado. A boca, os lábios - eis o terreno da sensualidade permiti-
tida. (...) Michelet, fazendo seu ‘Anschauung’ do Mar, reencontra
naturalmente a imagem do mar de leite, do mar vital, do mar
alimento (...). Enfim, a melhor prova de que a imagem ‘nutritiva’
comanda todas as outras imagens é que Michelet não hesita, no*

plano cósmico, em passar do leite ao seio: 'Com suas carícias assíduas, arredondando a margem (o mar), deu-lhe seus contornos maternais, e eu ia dizer a ternura visível do seio da mulher, o que o filho acha tão suave, abrigo, tepidez e repouso'. (1989, p. 122-4).

Mas, esse seio vivificante (porque nutre) é a expressão da sensualidade permitida, porém, “seio infernal” cujo veneno mortifica, como preço do desejo consentido. Essa imagem de alma negativa faz de seu leito a barca de Caronte singrando pelo mar das orgias, levando almas culpadas numa viagem infinita aos infernos. E o poeta se sente culpado por ser passageiro da barca de Caronte que soçobra, como “símbolo que permanecerá ligado à indestrutível desventura dos homens” (Bachelard, 1989, p. 82); ele embarca nessa aventura de amor pelo demônio feminino, porque, como conclui Saintine: “Sem Caronte, não há inferno possível” (apud, Bachelard, Gaston).

A imagem anímica de Lilith volta “sob a máscara da rainha de Sabá” (Koltuv, 1986, p. 47), como a Mulher Desconhecida, confundindo o poeta:

*Por que surgiste aqui, na minha noite espessa,
Tu, Rainha imortal de algum Sabá celeste?*

*Fantasma, és a Mulher! Levanta-te, Anjo eterno!
Ergue-te mais, e mais! Como a tua cabeça
Pode tocar o Céu, se tens os pés no Inferno?
(Kiriale; “Visões dos solitários”, p. 66)*

*- Satã, onde a puseste?
Busco-a desde a manhã.
Ó pálida Celeste...
(...)
- A pálida Celeste...*

Ei-la no meu Sabá.

(Dona Mística; "Romance de Dona Celeste", p. 103-4)

"Satanás ulula nos meus versos", diz Alphonsus, aliás, a mulher surge na sua poesia como uma legião de demônios venéreos e, como ele versa, "toda a fúria sensual que amordacada trago" (p. 102), reflete sua dívida com Vênus/Afrodite:

Ah, se te fujo

Culpa o ocaso cruel que a tal me obriga;

(...)

Em tudo... e branca assim como és, sonhei-te

A Vênus que se erguia do meu pranto

Ou que se erguia então de um mar de neve e leite...

(...)

Nunca, nunca por ti seja eu maldito,

Nunca ergas, maldizendo, o espectro dos teus braços!

(Salmos da Noite; "Das 'alucinações'", p. 551-2)

Essa dívida com Vênus/Afrodite, devido a todos esses anos de repressão judeu-cristã, custa muito caro, segundo James Hillman:

A melhor forma (...) é pagá-las na verdadeira moeda de Afrodite. (...). É mais confortável visitá-la em sua casa planetária em nome do desenvolvimento anímico do que sofrer os demônios venéreos, as tramas, as perversões, as vinganças, as fúrias e os prazeres soporíficos só para reverenciá-la. (1985, p. 43)

A mulher-venusiana, vista como tentação demoníaca, é repudiada nos versos alphonsinos:

*Se a tentação chegar, há de achar-me de joelho,
(Miséria humana, humanidade miseranda...)
Maldizendo a traição dos seus lábios vermelhos.
(Kiriale; "Santo Graal", p. 69)
Vós haveis de fugir ao som de padre-nossos,
Frutos da carne infiel, seios, pernas e braços,
(Kiriale; "Espírito mau", p. 67)*

Se, por um lado, o poeta repele a mulher impura e demoníaca (metáfora do desejo); por outro lado, exalta a mulher pura, porque, como ele diz:

*Bem pode ser que a virgem da virtude,
Neve na face, ocaso nos cabelos,
Viesse mostrar-me a sombra que me ilude,
Cortejada por tantos pesadelos.
E a beatitude desses olhos, casta,
Purificando a culpa que me exila,
Dar-me-ia o Reino que de mim se afasta,*

*E sem mancha, a minha Alma, que o céu guarde,
(Dona Mística; "Soneto XII", p. 94)*

Alphonsus concentra, no "Soneto XIV", uma série de imagens anímicas que são exaltadas no âmbito de sua literatura. Na figura de mulher pura, condensam-se a fidalga medieval (do amor cortês), a santa, a virgem funérea e a Virgem Maria, todas reforçando a idéia da mulher espiritualizada que interdita o desejo, cristalizando-se em cera:

*Fitava o céu, porque era pura e santa...
Tinha o orgulho fidalgo de uma Infanta*

*Que entre escudeiras e lacaios erra.
(...)
Foi-lhe a vida um eterno mês-de-maio,
Cheio de rezas brancas a Maria,
Virgem voltou como do céu descera.
(Dona Mística; “Soneto XIV”, p. 94-5)*

*E foi então que a Virgem de olhos castos,
Tão branca e macerada como os círios,
Surgiu em frente dos satãs nefastos
Que o coração me enchiam de delírios.
(...)
E então, pela primeira vez, ao poente,
Rezei trindades, eu, Poeta e mendigo...
(Setenário das Dores de Nossa Senhora; “Soneto IV”, p. 150)*

O poeta tem sua alma no terceiro estágio da escala erótica, que é personificada pela Virgem Maria, “figura que eleva o amor (Eros) à grandeza da devoção espiritual” (Jung, *O Homem e seus Símbolos*; p. 185):

*Vós que fostes a angélica dulcedo,
(...)
Que me guiastes às vésperas deste horto,
(...)
Vós, Rainha do Céu, doce Maria,
Sobre mim abaixai os olhos santos,
Cheios da luz da Dolorosa-Via:*

*Para alívio dos meus pesares tantos,
Dai-me para rezar nesta agonia*

O rosário dos vossos próprios prantos!
(*Pulvis; "Virgem Maria", p. 356*)

A Virgem Maria, como guia, é a imagem da alma que, segundo Jung, "agora aparece como o psicopompo, aquela que mostra os caminhos..." (CW 12, § 74):

*Nossa-Senhora, quando os meus passos
Se transviarem, já na agonia,
Vinde guiar-me com os vossos passos...*
(*Setenário das Dores de Nossa Senhora; "Epifona", p. 168*)

Como psicopompo também, surge a mulher-arcanjo:

*Eras e és o áureo arcanjo que bendigo,
(...)
Viver, dormir, sonhar, morrer contigo
Era a esperança que me guiava os passos...*
(*Pulvis; "Soneto XXXV", p. 348*)

O poema "Noite de Luar" condensa a alma benévola na representação da mulher pura, nas imagens de fadas, virgens maceradas, santas, noivas imaculadas, cujos prenomes é o da Virgem Santíssima que lhe fia o véu da interdição do desejo:

*Erguida pelas mãos de cem mil fadas,
A sua cauda virginal ondeia...*
(...)
Branças estrelas, virgens cor de cirio!
(...)

*Como um bando de santas em delírio.
(...)
Uma nuvem de seda e luar fulgura
Por entre os dedos santos de Maria:
É o véu de noiva imaculada e pura
Que para vós Nossa-Senhora fia...
(Outras poesias; “Noite de Luar”, p. 534)*

Jung afirma que:

*... a noiva celestial... é uma típica projeção animica... (...) (A figura)
de Maria, enquanto personificação de uma relação ‘celestial’...
(...)
A ‘virgem’ corresponde à anima do homem... (...) Estas virgens
pálidas... são tão vazias que um homem pode imputar-lhes qualquer
coisa que imaginar. Além disso, elas são tão inconscientes que o
inconsciente lança antenas invisíveis para fora, verdadeiros
tentáculos, que sugam todas as projeções masculinas, e isto agrada
imensamente aos homens. (CW 13, 16, 9)*

Mas, como o poeta Alphonsus denuncia essa porção feminina de seu inconsciente? Os fragmentos abaixo evidenciam sua anima:

*Uma mulher que por amar soluça,
Na torre da minha alma se debruça.
(Kiriale; “Saudade”, p. 62)*

*Resumes para mim todas as Lauras
E Natércias e pálidas Beatrizes...
(...)*

*Nos romances de amor existem Glauras,
Meigas Marílias, sedutoras Nizes:
Nenhuma como tu, que me restauras
O peito em ruína ao som de que me dizes...
(Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte; "Soneto XVII", p.
257)*

- Pobre Alma, que queres? Que queres?

*Hei de sempre adorá-la, hei de querê-la,
E não por ser mulher, mas como imagem:
(p. 92)*

... imagem de anima.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston; *A Água e os Sonhos*. ensaio sobre a imaginação da matéria.
Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo : Martins Fontes, 1989.

GIBRAN, Khalil Gibran; *O Profeta*. Trad. Mansour Challita. Rio de Janeiro :
ed. Distribuidora Record, s.d.

GUIMARAENS, Alphonsus de; *Obras Completas*. Rio de Janeiro : José Aguiar
Ltda., 1960.

HILLMAN, James; *Anima: Anatomia de uma Noção Personificada*. Trad.
Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo : Cultrix, 1985

JUNG, C. G.; *O Homem e seus Símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho - Rio de Janeiro : ed. Nova Fronteira, 1992.

_____. ***Tipos Psicológicos*; Rio de Janeiro : Ed. Vozes, 1991.**

_____. ***Obras Completas de C. G. Jung*. Org, Léon Bonaventura, Frei Leonardo Boff, Dora F. da Silva e Jette Bonaventura. - Petrópolis : Vozes, 1987 (CW, vols. 7, 9, 12, 13, 16 e 17).**

KOLTUV, Barbara Black; *O Livro de Lilith*. Trad. Rubens Rusche. - São Paulo : Cultrix, 1986.

LEITE, Márcio de Souza; *O Deus odioso: psicanálise e representação do mal*. São Paulo : Escuta, 1991.

SANT'ANNA, Affonso Romano de; *O Canibalismo Amoroso*. Rio de Janeiro : Rocco, 1993.